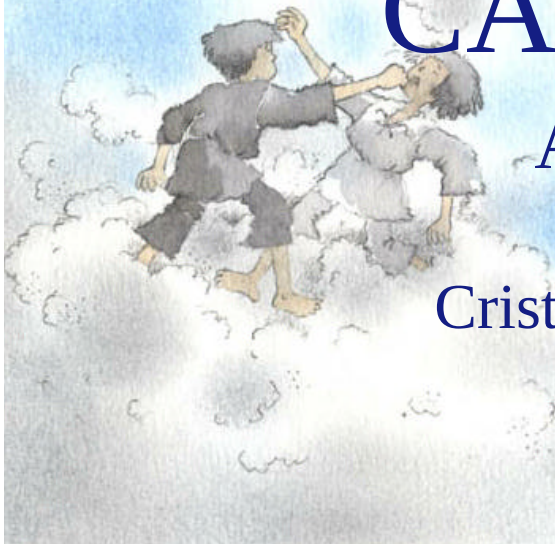


MOLEIROS E CARVOEIROS

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



*1 de Janeiro
Dia Mundial da Paz*

No tempo em que as velas dos moinhos rodavam ao vento, um moleiro, todo enfarinhado de carregar com sacas de farinha, cruzou-se, na estrada, com um carvoeiro todo enferruscado de carregar com sacas de carvão.

Esquecemo-nos de dizer que ao lado do moleiro ia o filho do moleiro e ao lado do carvoeiro, o filho do carvoeiro. Nesse tempo também, os filhos dos moleiros não tinham outro destino senão ser moleiros e os filhos dos carvoeiros não podiam ambicionar outra vida senão ser carvoeiros.

– Ó pai, já viste aqueles dois tão sujos que ali vão? – disse o filho do moleiro para o moleiro.

O filho do carvoeiro ouviu o comentário e não gostou. Aliás, o pai também não gostou.

– Sujos vão eles – lançou o garoto do carvoeiro.

Carvoeiros e moleiros pararam na estrada, enfrentando-se com ar de poucos amigos. Quem está sujo, quem não está sujo, o certo é que, depois de algumas más palavras trocadas em despique, os dois miúdos engalfinharam-se à zaragata. E os pais atrás deles.

Mãos que ameaçam, murros que se cruzam, joelhadas que fervem, e os que estavam brancos ficaram manchados de preto e os que estavam pretos ficaram manchados de branco. De mistura com o pó da estrada, uma nuvem cinzenta – cinzenta de carvão e farinha – rodeou os contendores.

Correu gente dos campos próximos a apartá-los. Não foi sem custo que os separaram, magoando-se tanto os que pediam paz como os que faziam guerra. Então um velho de respeitáveis barbas, que com os outros camponeses acudira à contenda, falou assim:

– Tão tolos são os filhos como os pais. Vejam-se agora, reparem nos nossos fatos e digam se não estão mais sujos do que estavam?

Realmente já se não distinguia qual o moleiro e qual o carvoeiro.

– Se tivessem dado um abraço, em vez de bulharem, o resultado teria sido o mesmo – continuou o velho. – E, realmente, porque se não hão-de abraçar estes trabalhadores honrados, orgulhosos da profissão que escolheram e dos fatos de trabalho que envergam? Vá, dêem um abraço, rapazes!

Os garotos, um pouco reticentes, abraçaram-se. Os homens, um pouco contravontade, abraçaram-se.

– Ena, que sujo que eu estou! – riu-se o filho do carvoeiro.

– Não estás menos do que eu – riu-se o filho do moleiro.
Riram-se os filhos. Riram-se os pais. Toda a gente riu
com gosto e a história acaba aqui. E bem.

FIM